

## O jardim da Luz como cenário e paisagem nos cartões postais (1870 -1940)

Thais Klarge Minoda\*

O Objetivo deste presente artigo é analisar o Jardim da Luz como um espaço de sociabilidade entre os anos de 1870 a 1940 com o intuito de compreender as múltiplas práticas sociais e culturais do espaço público mediadas pela cultura material. Neste caso, analisaremos de que maneira os cartões postais e os relatos de viajantes colaboraram para disseminar e afirmar imagens do Jardim da Luz como um espaço de sociabilidade.

\*\*\*

No Brasil, um dos primeiros espaços verdes existentes foi o Jardim da Luz em São Paulo, criado pela Ordem régia de 19/12/1798, que autorizou a criação de três viveiros de plantas: um no Recife, um no Rio de Janeiro e um em São Paulo. Os três deveriam ser construídos nos moldes do que existia no Pará. (MARQUES, 1980, p. 12-13 apud DIAS; OHTAKE, 2001, p. 24). Em 1800, Melo Castro, capitão general de São Paulo, ordenou que se construísse um Horto Botânico com árvores exóticas e nativas para distribuir para agricultores (DIAS; OHTAKE, 2001, p.24). Em 1825, o Horto Botânico é transformado em Passeio Público e aberto à população.

A princípio, de acordo com as plantas do período, o Jardim apresentava uma extensa área verde e seguia o modelo de um jardim francês: áreas simétricas, ângulos retos, e utilização de ornamentos como espelho d'água e estátuas de mármore.

De acordo com relatos de viajantes, o local era uma das poucas atividades de lazer em São Paulo e apresentava muitos problemas de infraestrutura, principalmente no que diz respeito ao encanamento de água. De acordo com o relato de um viajante

Foi na tarde de 06 de março de 1830 ao Jardim botânico e logo ao entrar ficou admirado, observando ele ter se transformado em pasto de gado, visto, que encontrou, soltos, dentro do jardim, oito bois de gado e um cavalo, que soube de outros trabalhadores pertencerem ao jardineiro alemão, que ali não se achava quando chegou o Dr. Almeida Torres, que foi informado que o abuso datava já de muito tempo, e no lugar onde estavam os bois havia feito

---

\* Mestranda em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

uma plantação de capim à custa da fazenda pública, tendo encontrado em um rancho do mesmo jardim e pertecerem à nação, três mulheres sem fazer nada, que observou estarem trabalhando ou enchendo o tempo de três estrangeiros, que ganhavam cada um 420 reis por dia, e um escravo da nação, sem que tivessem alguém que as inspecionassem ou dirigissem. (MARTINS; 1973, p.31 APUD KLIASS, 1993,p.81)

Os primeiros anos de funcionamento do Jardim foram marcados por relatos semelhantes, onde muitas reclamações eram feitas em razão da falta de cuidados que o jardim recebia ou mesmo pelo fato de as plantas serem corriqueiras da mata brasileira. Em 1842, o Presidente da Província Miguel Souza Mello Alvim mandou construir um muro para cercar a área do Jardim e colocou portões de ferro (KLIASS, 1993, p.70), para evitar invasões de animais. Em 1846, o capitão Antônio Bernardo Quartim foi nomeado como administrador do Jardim, e iniciou uma série de reformas que foram consolidadas na década de 1870. Entre algumas primeiras mudanças realizadas está a instalação de mudas de plantas exóticas e nativas, instalação de alguns lampiões a gás e plantação de amoreiras, porém, a falta d'água continuava a ser um problema (KLIASS, 1993,p.70). O Jardim sofreu uma perda significativa em seu espaço no ano de 1860, com a construção da ferrovia que ligava Santos à Jundiaí, com isso, seu traçado original foi modificado.

As modificações efetivas realizadas no Jardim iniciaram no governo de João Teodoro Xavier (1872-1875), que reestruturou o sistema de abastecimento de água, introduziu estátuas que representavam às estações do ano e construiu um observatório meteorológico, que ficou conhecido jocosamente como “Canudo de João Teodoro” (DIAS; OTHAKE, 2001, p.59). De acordo com Dias e Othake (2011, p.60), a torre era composta por seis andares, tendo 20m de altura, e possuía uma escada em seu centro. Na época, era um dos edifícios mais altos de São Paulo e ficou popular pela vista que proporcionava aos visitantes.

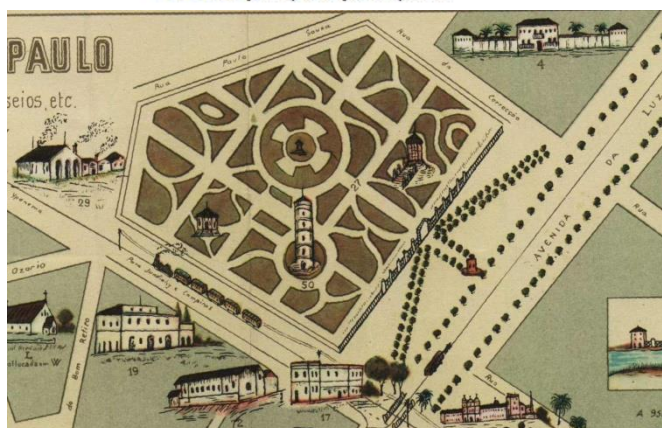


Figura 1 - Mapa da Capital P. Cia de São Paulo e seus edifícios, públicos, hotéis, linhas férreas, igrejas, bonde, passeio. Publicado por Fr. De Albuquerque e Jules Martin, 1877. Acervo: Arquivo Municipal de Washington Luis.

Na Planta de 1877 é possível notar a presença do observatório meteorológico, bem com a ferrovia, terreno que anteriormente pertencia ao Jardim. Nessa mesma época são finalizadas as obras para o Lago da Diana. A introdução desses elementos e, posteriormente, a presença de grutas e rochas configurou o estilo de paisagem de influência inglesa que ficou conhecido como “estilo paysager”, e que introduziu, também, pedras e troncos produzidos em cimento. Essa ornamentação rústica, baseada na imitação de rochas a partir da modelagem em cimento só se tornou possível com o desenvolvimento da técnica com o concreto armado, o que produziu conjuntos de obras verossímeis á paisagem natural (DOURADO, 2013, p.54). O Jardim mescla a partir de 1870 os dois estilos, tanto o francês quanto o inglês, e seus traçados mais curvilíneos possibilitaram novos pontos de apreciação de natureza e de ornamentação. O traçado desta época é semelhante à configuração que o Jardim da Luz apresenta hoje, apesar de algumas perdas e modificações.

A partir do ato 971 de 24 de agosto de 1914, o nome do Jardim passa a ser oficialmente "Jardim da Luz".

#### O JARDIM DA LUZ COMO CENÁRIO NOS CARTÕES POSTAIS

Com a reforma no Jardim da Luz na década de 1870, e as obras de modernização na cidade realizadas por João Teodoro Xavier, tal espaço passa a ser um dos mais

frequentados pela elite paulistana. De acordo com os jornais a Província de São Paulo, a Constituinte e o Jornal da Tarde, o Jardim se tornou local de apresentações de músicas, bailes, festas beneficentes, inaugurações e festejos. A produção da imagem do Jardim como um local de progresso se disseminou através de jornais, revistas ilustradas e cartões postais. O conjunto de cartões postais analisados apresentam alguns elementos comuns: o lago da Cruz de Malta, ou a alameda central com a torre da estação ao fundo. Tais elementos colocados em foco recriam a imagem do Jardim como um local de contemplação e de progresso. Os elementos centrais normalmente estão relacionados com a natureza ou com as ornamentações em mármore e a ideia de progresso está vinculada à presença dos elementos em ferro, à estação da Luz e ao observatório meteorológico.

Essas imagens presentes nos cartões postais podem ser encontradas também nos registros de alguns viajantes, como é o caso da descrição do viajante Koseritz:

Nas proximidades do Jardim Público, que é uma verdadeira joia da cidade, fica a Estação da Luz, também da estrada inglesa e perto da Estação Sorocabana. Reúne o caráter do jardim ornamental ao jardim botânico. O arranjo é ao gosto dos jardins paisagísticos: há grupos maravilhosos de árvores, moita de arbustos com folhas coloridas, lagos, canais, ilhas, rochedos e grutas; em suma, tudo que se continha em um parque dos primeiros decênios desse século. (KOSERITZ, sem data, p.253 apud BRUNO; 1981 p. 95).

O relato de Koseritz nos possibilita analisar qual era o vocabulário recorrente na época em relação aos jardins: botânico, ornamental e paisagístico. Além dessa classificação, há uma valorização do jardim como joia da cidade de São Paulo em fins do século XIX e início do XX, algo único, importante. Mas, afinal, quais são as características de um jardim ornamental e paisagístico? Como é possível relacionar esses elementos com a sociabilidade do local?

A maioria dos cartões postais pesquisados apresentam algumas características comuns: imagens em que o foco está relacionado com elemento água, nas fontes ou lagos; além desses, elementos fabricados em ferro (grades, portões) e rústicos (rochas cascata), bem como forte presença da vegetação nas imagens.



Figura 2: São Paulo - Jardim da Luz - Cartão Postal antigo original, editado por Ricci & Malusardi, circulado em 1905.<sup>1</sup>

O cartão postal acima apresenta em seu primeiro plano o lago, com as estátuas simbolizando as estações do ano, e o chafariz quase ao centro da imagem. Em segundo plano, o foco está na vegetação e em terceiro plano está a Estação da Luz, em tom mais claro e distante do centro da imagem. De acordo com Terra (2013, p.51), os jardins paisagísticos estariam ligados à existência de sistemas de eixos geométricos e à diversidade de espaços. Geralmente compostos por longos eixos longitudinais para criar no espectador a sensação de infinito. A presença de fontes, espelhos d'água e canais também fazem parte dessa imagem paisagística, que tinha como objetivo à contemplação. Os jardins ornamentais complementam a proposta dos jardins paisagísticos, pois se caracterizam pela presença de estátuas, grutas com quedas d'água, e possuem vegetação extremamente variada (TERRA, 2013, p.87). Ao mesmo tempo em que a paisagem do jardim está ligada à ideia de refúgio e contemplação, sua imagem também está vinculada a um lugar de progresso representado pelos seus artefatos e pelo modo como eles aparecem nos cartões postais.

<sup>1</sup> Este cartão postal estava disponível para venda em um site de leilões. Localização: - <http://www.rmgouvealeiloes.com.br>



Figura 3: São Paulo - Jardim da Luz II - Cartão Postal, nº 9, editado pela Casa Garaux<sup>2</sup>, sem data.

O cartão postal acima, editado pela Casa Garraux, constrói uma imagem em perspectiva ao utilizar a alameda de palmeiras. O coreto, embora esteja localizado à esquerda, é o elemento de destaque da imagem. Este modelo de coreto foi construído em 1902 e, de acordo com Dias e Segawa, (2001, p.97), “a construção foi projetada por Maximilliam Hehl, que assinou também os projetos do Ponto Chique, da Casa do Administrador e da atual catedral da Sé. Construção sofisticada, seu telhado de metal, estilo art nouveau, foi importado da França”. O Gradil do coreto foi ornamentado com ferro e seu espaço se tornou um dos espaços principais para as apresentações de festas, quermesses e eventos.

Aos poucos o ferro foi considerado um dos materiais símbolo de novas construções e de desenvolvimento das cidades. Segundo Lima (2011, p.15), as grades de ferro instaladas nas grandes residências ou em logradouros públicos substituíram os muros de alvenaria e estabeleceram uma nova relação com a cidade, utilizado para demarcar os limites e controlar o acesso de determinados grupos em certos locais. As grades de ferro vazadas possibilitaram a demarcação entre o espaço de fora e o de dentro e, embora demarcasse determinada propriedade, sua estrutura permitia visualizar o que existia no interior daquele espaço, algo que não ocorria com o muro de alvenaria

<sup>2</sup> Este cartão postal estava disponível para venda em site de leilões. Localização: <http://www.rmgouvealeiloes.com.br/peca.asp?ID=1048304>

(LIMA, 2001, p.22). Além dessa função, a presença do ferro também está relacionada à ornamentação dos espaços como um material distinto e indicava uma nova percepção cultural da sociedade (LIMA, 2011, p. 22).

A presença do ferro, segundo Lima (IBID,p. 25) também influenciou na ações corporais através da ornamentação feita para os mobiliários urbanos surgidos nos espaços públicos abertos. De acordo com a autora (IBID, p.27), o surgimento do mobiliário urbano indicaria que os indivíduos teriam permanecido mais tempo no espaço urbano. A partir do cartão postal da casa Garraux, além da presença do coreto, que indicaria a presença de grupos de música para apresentação, é possível notar também a existência de bancos em madeira e ferro que estão ao redor deste coreto. Segundo Lima (2011, p.27) o surgimento deste tipo de mobiliário estaria ligado às novas necessidades surgidas na sociedade urbana para que as atividades sociais fossem realizadas, como festas, piqueniques, apresentações de músicas.

Nesse sentido, a construção da paisagem circulada pelos cartões postais do Jardim da Luz, tanto na ideia de um lugar de contemplação e refúgio, como um lugar de progresso, reforça a ideia de que a qualidade paisagística é definida pelos modelos das artes plásticas: árvores e arbustos, grutas com água, fontes e alamedas arborizadas. Contudo, é preciso questionar até que ponto as imagens do Jardim representadas nos cartões postais condizem com a percepção dos visitantes ou viajantes que por lá passaram. Quais seriam os elementos que coincidiriam com as imagens circuladas? Quais seriam as percepções diferentes?

Os relatos de viajantes e moradores, bem como algumas notícias presentes nos jornais no final do século XIX e início do XX, são fundamentais para compreendermos de que maneira tais visitantes, muitos baseados nas ideias dos jardins europeus, viam o Jardim da Luz. Alguns relatos diferem daquele apresentado por Koseritz, que considerava o Jardim como algo raro e o elogiava pelos seus elementos paisagísticos e ornamentais. De acordo com o viajante Maurício Lamberg:

Visitei também o Jardim Público, que é maior e de mais gosto que todos os outros do norte do Brasil, ainda assim notei imediatamente que a vegetação é aqui inferior à do norte e mesmo à do Rio de Janeiro. (LAMBERG, 1896, pp. 321 a 325 APUD BRUNO,1981, p. 114).

A questão da vegetação era um dos itens qualificadores dos jardins em fins do século XIX e início do XX. Não bastava possuir uma quantidade de plantas, era necessário diversificar, ainda mais pelo fato do Jardim ter sido construído para ser um jardim botânico.

Em 1875 o jornal A província de São Paulo publicou na seção variedades um texto denominado “cartas de uma roceira da capital”, que descreve uma visita ao Jardim:

Bem defronte ao portão do jardim existe uma construção em forma de chafariz: mas só a forma, porque d’ali não sai água alguma (...). O primeiro golpe de vista, o jardim é bonito; o segundo não é tanto, pois deixaram um charco bem ali no meio. (A Província de São Paulo, 21/01/1875, p.2)

O relato publicado no jornal demonstra outras visões sobre o jardim, que nessa época estava passando por reformas e tentando solucionar o problema de distribuição de água. Esse mesmo jornal foi responsável por críticas em relação à construção da Torre do observatório.

Por outro lado, outros relatos apresentam opiniões positivas sobre o Jardim da Luz, principalmente após a sua reforma, considerando-o um espaço de recreação e de conexão com a natureza, como descreveu o viajante Ernesto Bertarelli:

De que não posso me esquecer é dos jardins... O paulistano compreendeu que seu monumento natural era a vegetação e por ela demonstrou e demonstra um amor que se mostrou em cuidado universal pelas plantas e pelas flores. O Jardim da Luz, junto da Estação Central, o Parque Antártica, o Bosque da Saúde e outros locais de reuniões de moradores, e outros parques maiores, que ainda não são públicos, mas em breve serão, constituem grata surpresa para o hóspede da bela cidade. Em alguns locais, ele parece verdadeiramente achar-se no meio da mata virgem, com a vantagem de que a cidade próxima elimina o tédio da grave monotonia que emerge das florestas ainda não tocadas pelo homem, mas os jardins e o verde não impedem que São Paulo seja um centro de grande atividade intelectual e comercial. Os paulistanos fazem muita questão dessa constatação e não erram; a riqueza do Brasil é, até certo ponto, a riqueza desse Estado e a intelectualidade brasileira é, em boa parte, a intelectualidade dos paulistas. (BERTARELLI, 1976 apud BRUNO, 1981, p.179)



Bertarelli ao considerar a vegetação como monumento natural faz alusão aos jardins paisagísticos que conseguiram construir sua paisagem em verossimilhança com a natureza, e ao mesmo tempo, congregar o refúgio natural com a modernidade, visto a proximidade que tais áreas verdes estão do centro da cidade. Outro ponto interessante está diz respeito à presença de alguns parques que não são públicos, mas que, de acordo com Bertarelli, ainda serão. Os parques públicos que surgiram no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX se tornaram espaços de encontro, do lazer, mas também espaços de disputas entre grupos. Tais espaços se tornaram reguladores de práticas sociais a partir de seu traçado, de seus regulamentos, de seus ornamentos e caminhos.

Os relatos de viajantes e moradores estão vinculados ao cotidiano da cidade moderna perceptíveis pelos pequenos elogios ou às críticas feitas aos espaços públicos e podem indicar processos mais complexos de sociabilidade. Ao dizer que um jardim é pobre em vegetação e ornamentação não é apenas dizer que lhe faltam alguns atributos, mas sim que tal fala está vinculada a um sistema maior de imagens em circulação, referências e representações que estão ligadas ao processo de construção da paisagem. Esse sistema complexo de imagens em circulação possibilitou que visitantes qualificassem o Jardim da Luz a partir de referências pré-existentes do que deveria ser um jardim público. Essas referências foram, em muitos casos, reforçadas pela circulação dos cartões postais e de enfoque em seus elementos da cultura material, podendo ser classificados como paisagísticos ou ornamentais. O mobiliário urbano teve papel fundamental na sociabilidade do Jardim, uma vez que atraiu ou controlou a entrada de diversos grupos sociais, e foram utilizados nos cartões postais como símbolos de uma cidade “moderna e em progresso”. Nesse sentido, os documentos visuais se tornam fontes importantes para que possamos analisar diversas disputas e forças que determinam as práticas sociais os sentidos que determinados espaços foram adquirindo ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

AMERICANO, Jorge. **São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)**. São Paulo: Carrenho Editorial – 2 edição, 2004.

AZEVEDO, Militão. **Album comparativo da cidade de São Paulo 1862-1887**. Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo: Gráfica Municipal, 1981.

BRUNO, Ernani Silva. **História e Tradições da Cidade de São Paulo – volume III – Metrópole do Café (1872-1918)**, São Paulo de Agora (1918-1954). São Paulo: Hucitec, 3ª edição, 1984.

\_\_\_\_\_. **Memória da cidade de São Paulo : depoimentos de moradores e visitantes, 1553-1958**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Seção Técnica de Divulgação e Publicações, 1981.

CALDEIRA, Teresa: **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**, editora 34/ Edusp, 2000

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.156;

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. Encontros e desencontros na metrópole: sociabilidade nos novos espaços do Centro Novo de São Paulo. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014 .

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DOURADO, Guilherme Onofre Mazza. **Belle époque dos jardins**. São Paulo: SENAC, 2011.

FREHSE, Fraya. **O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império**. São Paulo: EDUSP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ô da rua: O transeunte e o Advento da Modernidade em São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 2011.

FRUGOLI JR., Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

GUIMARÃES, Helenise Monteiro; SANTOS FILHO, Raphael david dos. **Ilhas de Carnaval: coretos carnavalescoa como construtores de espaço de folia na segunda década do século XX**. In IX Encontro de Arte da Unicamp, 2013.

JUNIOR, Rubens Fernandes; KOSSOY, Boris; SEGAWA, Hugo. **Guilherme Gaensly**: São Paulo: Cosac Naify, 2011;

KLIASS, Rosa Grena. **Parques Urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade**. São Paulo, Pini, 1993.

KOSSOY, Boris. A cidade no império 1823-1899 in **A História da cidade de São Paulo – volume 2**, org. Paula Porta. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LIMA, Solange Ferraz. **Ornamento e Cidade: Ferro, Estuque e Pintura Mural em São Paulo (1870 – 1930)**. São Paulo, 2001. Tese de Doutorado– Departamento de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo.

\_\_\_\_\_. Pátio do Colégio, Largo do Palácio IN **Anais do Museu Paulista, v. , n1**, 1999, pp. 61-82.

MAGNANI, José Guilherme Cantor, **Da Periferia ao Centro: Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Posses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografia**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MORSE, Richard. **De comunidade à Metrópole, Biografia de São Paulo**. São Paulo: Irmãos Andrioli, 1953;

OTHAKE, Ricardo; DIAS, Carlos. **Jardim da Luz: um museu a céu aberto**. São Paulo: Senac, 2011.

PASTORE, Vincenzo. **Na rua: Vincenzo Pastore** – com um ensaio de Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009, p.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: Jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Alamedas e passeios na América Colonial**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014, p. 331-347.

\_\_\_\_\_. **Da praça ao jardim público**. Lavras: UFLA, 2009, p. 117-121.

SENNET, Richard. **O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TERRA, Carlos. **Paisagens construídas: jardins, praças e parques do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.